

CONCURSO de  
ESTUDIANTE  
COMPETIÇÃO  
ESTUDANTIL  
STUDENT COMPETITION

# LOS PROCESOS DE DESMANTELAMIENTO DE LA SUBJETIVIDAD EN AMÉRICA DEL SUR. EL PROBLEMA DE 'LO VIVO' EN LA VIDA ANÍMICA Y EL SUFRIMIENTO ASOCIADO AL TRABAJO PSÍQUICO DE SOBREVIVIR

OS PROCESSOS DO DESMANTELAMENTO DA  
SUBJETIVIDADE NA AMÉRICA DO SUL.  
O PROBLEMA DO 'VIVER' NA VIDA PSÍQUICA E  
O SOFRIMENTO ASSOCIADO AO TRABALHO  
PSÍQUICO DE SOBREVIVÊNCIA

THE PROCESSES OF DISMANTLING  
SUBJECTIVITY IN SOUTH AMERICA.  
THE PROBLEM OF 'THE LIVING' IN PSYCHIC LIFE  
AND THE SUFFERING ASSOCIATED WITH THE  
PSYCHIC WORK OF SURVIVING

Sergio Correa Villegas  
Asociación Argentina de Psiquiatría  
y Psicología de la Infancia y la Adolescencia  
ORCID: 0009-0000-2541-4769  
Correo electrónico: sergiocorreavillegas@gmail.com

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Correa Villegas S. (2024) LOS PROCESOS DE DESMANTELAMIENTO  
DE LA SUBJETIVIDAD EN AMÉRICA DEL SUR.

El problema de 'lo vivo' en la vida anímica y el sufrimiento asociado al trabajo psíquico de sobrevivir

Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.2.1

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# OS PROCESSOS DO DESMANTELAMENTO DA SUBJETIVIDADE NA AMÉRICA DO SUL: O PROBLEMA DO 'VIVER' NA VIDA PSÍQUICA E O SOFRIMENTO ASSOCIADO AO TRABALHO PSÍQUICO DE SOBREVIVER.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Trabalho ganhador do Segundo Prêmio no Concurso de Estudantes Jorge Rosa 2023.

Sérgio Correa Villegas<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Psicólogo. Psicanalista. Professor de pós-graduação. Supervisor clínico. Especialista em Psicologia Clínica de crianças e adolescentes (UBA). Pós-graduação em Psicanálise da Infância e Adolescência (ASSAPIA). Doutorando em Psicologia (UCES).

A presente proposta<sup>1</sup> surge da urgência de reivindicar, nas regiões da América do Sul, a dívida que a psicanálise tem com o enfrentamento dos problemas de sofrimento psíquico das subjetividades que correm o risco de desmantelamento psíquico, como efeito dos diversos processos de desumanização impostos pela realidade histórico-social.

Para tanto, é necessário assumir como ponto de início a concepção psicanalítica do sofrimento psíquico em termos de suas determinações pulsionais e do impacto da realidade histórico-social nas formas patológicas pelas quais se organiza na vida psíquica do sujeito sexual.

Tratando-se de um tópico psíquico constituído, o estatuto metapsicológico que adquire a inscrição daquela dimensão de 'realidade externa' designada como realidade histórico-social exige, antes de mais nada, uma abordagem ao problema do eu e das 'patologias de trauma'.

A recuperação do problema das 'subjetividades em risco' (Bleichmar, 2005) e da especificidade metapsicológica do seu sofrimento justifica-se, na medida em que continua sendo, para o programa psicanalítico, um terreno inacabado e tenso – entre vários fatores – pela pluralidade de hipóteses inicial e pela proliferação de conceitos utilizados na sua delimitação. Com o propósito de assumir criticamente as formas de uso, compreensão e aplicabilidade dos conceitos em psicanálise, esta proposta é formulada tendo como modelo base o programa de pesquisa inaugurado por Freud, e que – diríamos – é continuado a partir das novas remontagens sui generis gerado pelos sistemas de pensamento de J. Laplanche e S. Bleichmar.

Considerando essa perspectiva, a patologia psíquica não é determinada pelo inconsciente, mas pelas relações entre o inconsciente e as formas como o eu se estrutura ideativamente, em consonância com a ideologia produzida na sociedade de pertencimento (Bleichmar, 2020). Nesse sentido, as variações históricas nas formas de apresentação do sofrimento psíquico são resultados das transformações nas condições materiais, econômicas, político-institucionais e simbólico-culturais que cada sociedade constrói para a conservação da vida humana e a preservação do valor da existência individual e da memória coletiva.

Para garantir a subsistência das subjetividades que produz, cada organização social deve oferecer garantias básicas para o desenvolvimento e funcionamento da vida psíquica, nos termos dos destinos atribuídos à pulsão, do amplo campo de propostas de identificação, de enunciados avaliativos e de sentidos discursivos.

<sup>1</sup> Desde a sua apresentação no concurso FLAPPSIPP 'Jorge Rosa' em 2023, esta proposta foi ajustada à medida que os resultados da investigação em curso avançam.

As contribuições de Freud a respeito do 'desconforto do sujeito sexual na cultura' (Freud, 1930) permitem localizar no sintoma neurótico não apenas uma dimensão civilizacional inerente à constituição do sujeito sexual, seu processo de humanização e sua condição de subjetividade psíquica, mas também a existência de uma modalidade de 'conflito psíquico' (entre instâncias) produzido entre a sexualidade pulsional, a defesa e os destinos que adota no eu de acordo com as realidades histórico-sociais de pertencimento.

No caso de um tópico psíquico constituído, os conteúdos representacionais capturados pela própria repressão no processo de formação transaccional do sintoma neurótico são um exemplo disso. Esses conteúdos revelam que, diante da ativação e progressão dos movimentos pulsionais em direção a sistemas secundários, os modos de afetação gerados por essa excitação no aparelho psíquico não indicam apenas uma ruptura do equilíbrio psíquico do sujeito, concebido como 'sistemas distantes do equilíbrio' (Bleichmar, S. 1994), mas também que esta excitação pulsional se torna ameaçadora para a representação que o eu tem de si mesmo, produzindo assim um efeito de prejuízo narcisista.

É quase óbvio assinalar que a produção de sujeitos (e suas formas de expressão do sofrimento) aos quais a psicanálise se dirigiu originalmente durante o século XX difere dos sofrimentos subjetivos e dos desconfortos coletivos denunciados pelas sociedades contemporâneas não europeias, particularmente nos regiões da América do Sul. Que implicações tem, portanto, o exercício de uma prática psicanalítica localizada nesses territórios heterogêneos?

Nas sociedades contemporâneas, embora a destruição da vida através de uma multiplicidade de práticas extrativistas no quadro das lógicas desenvolvimentistas do capitalismo tardio não seja uma novidade, o enclave geopolítico, cultural e socioeconômico da América do Sul parece exemplificar o caso das sociedades neoliberais cujas tecnologias de governo, a racionalidade econômica e as técnicas de gestão de desejos e liberdades na administração das populações configuram um 'diagrama de poder' (Foucault, 1986) que constitui fonte de processos severos de desumanização.

Para além da especificidade histórica que caracteriza cada um dos Estados-nação da América do Sul, o conflito social comum que os define revela o profundo impacto e a deterioração sofrida pelas condições básicas que protegem a vida, especialmente quando se trata de modelos neoliberais que impõem uma gramática da vida cotidiana que empurra constantemente a psique para a sobrevivência. Nesta ordem de ideias, a persistência crônica de processos 'extrativistas' aplicados à vida revela importantes transformações antropológicas na organização da experiência psicológica da vida psíquica, em termos dos modos de viver, sofrer e morrer.

Severos processos de desumanização que se materializam, então, em fenómenos como a exploração do trabalho e o seu carácter servil, a injustiça social, a impunidade jurídica, a degradação ambiental, as economias do tráfico de droga, os grandes fluxos migratórios e as deslocações forçadas da população, a fragilidade institucional, a corrupção estatal, o despotismo político, o individualismo dessubjetivante, a decomposição das relações com os outros, a marginalidade e a falta de uma projeto social comum, a criminalização histórica do protesto social, a estigmatização da juventude, a aceleração das tecnologias de digitalização no quadro de condições de extrema pobreza e desigualdade, de decomposição social, entre outros.

Longe de propor destinos em que predominem margens para a ligação, sufocamento ou sublimação do pulsional, bem como as legalidades éticas que regem os vínculos intersubjetivos e as garantias narcísicas para a vida identitária, que tornam visíveis algumas dessas realidades sociais históricas na América do Sul são processos crónicos de desmantelamento de grande parte das declarações básicas nas quais a dignidade e o valor da humanidade são representados e sustentados. Nesse contexto, transformam-se não apenas as condições subjetivas de vida, mas também as representações sociais que garantem certos níveis de estabilidade ao psiquismo.

A desumanização, nestes termos, acarreta um processo estrutural que ameaça o valor que emana da condição humana em diferentes frentes. Um processo que, segundo H. Arendt (1998), se desdobra através de um mecanismo de dominação exercido sobre a 'perda da pessoa jurídica, a perda da pessoa moral e a perda da identidade do sujeito'.

A disputa nestas regiões do Sul global é travada em torno dos modos de viver e de existir, em termos do campo identitário, dos significados existenciais e dos sentimentos associados à experiência de 'estar vivo'. A desumanização representa aquele processo complexo de dessubjetivação e desidentificação a partir do qual se tenta capturar "o que está vivo na vida subjetiva". Hoje, mais do que nunca, o problema da vida e do poder psíquico exige a atenção incontornável não só da psicanálise, mas também do campo da saúde mental, das políticas públicas e da sociedade civil.

Como compreender as demandas impostas pelo pertencimento a realidades estruturadas por modelos económicos e políticos que produzem ideologias e práticas de desumanização para o funcionamento da vida psíquica, dos vínculos intersubjetivos e dos laços sociais?

Alguns dos sofrimentos psíquicos destrutivos observáveis na casuística da prática analítica com subjetividades sistematicamente expostas a processos crônicos de dessubjetivação e desidentificação permitem perceber, como primeiro aspecto notável, sensações de perda de existência e desenraizamento de si, estados de desânimo emocional, bem como sentimentos de futilidade, tédio e vazio. Isso tudo é acompanhado de dores psíquicas que afetam o conteúdo do pensamento e provocam alterações na atividade criativa, onírica, fantasmática e elaborativa, juntamente com um empobrecimento do sentido da vida, a perda de sentido no vínculo intersubjetivo-amoroso e sentimentos profundos de desesperança.

As teorias psicanalíticas possuem conceitos suficientemente específicos para abordar o sofrimento psíquico derivado dos processos de dessubjetivação e desidentificação? E, em termos metapsicológicos, onde no tópico psíquico é possível localizar o epicentro de afetação desses resquícios traumáticos?

Os enormes desafios que estas questões representam para a psicanálise exigem, desde o início, ferramentas conceituais que nos permitam delimitar esses modos mortíferos de entrincheiramento que geram o 'desconforto excessivo' (Bleichmar, 2005) na vida psíquica humana. Para tanto, propõe-se retomar e desenvolver certas noções psicanalíticas que nos permitem abordar os fenômenos psíquicos vinculados à experiência psíquica do existir.

A primeira dessas noções refere a um tipo específico de 'trabalho psíquico' necessário à manutenção da vida, que poderia ser chamado de 'trabalho psíquico de viver: existir'. Dessa abordagem, é valioso resgatar conceitos como o 'sentido da vida' e a 'sensação de estar vivo', considerados fundamentais para a compreensão de fenômenos essenciais na regulação econômica do aparelho psíquico, bem como para a preservação narcísica da representação do eu e a apropriação de sua existência representacional.

Grande parte dos cenários da vida social na América do Sul são fonte privilegiada de instabilidades para a representação narcísica do eu, pois favorecem o surgimento de contradições internas e tensões máximas pela dificuldade ou inviabilidade de conciliação entre seus enunciados estruturantes: autopreservantes (Bleichmar, 2020). A primeira refere-se aos modos representacionais responsáveis pela conservação do corpo biológico, e a segunda, relativa às afirmações identitárias a partir das quais o eu se representa como existencial como *sendo*.

Nesse sentido, propõe-se localizar o epicentro de afetação desse tipo de trauma pela dessubjetivação e desidentificação nos sistemas de certezas do eu, que funcionam como suporte necessário à experiência psíquica de estar vivo e existir. 'Deixar de ser quem somos' ou 'não poder ser quem aspiramos ser no futuro' para preservar a existência biológica implica graves efeitos na estabilidade do eu, dificultando a apropriação da sua existência representacional e comprometendo assim os significados e sentimentos associados à experiência de estar vivo.

Dessa forma, para não ser dominado pela realidade externa e pelo mundo pulsional, o aparelho psíquico deve lançar uma forma de trabalho psíquico a serviço apenas de “sobreviver”. A. Berezin (2010) afirma: “*uma trabalho da subjetividade para superar condições de vida cotidiana que não são garantidas em termos dignos (...) poderíamos falar em humanizar “necessidades básicas” sem as quais se trata também de “sobreviver” psicologicamente, e isso implica um trabalho psíquico diferente daquele que entra em jogo quando as condições permitem a implantação e a realização de uma vida não ameaçada*” (p. 60-64).

Para continuar abrindo novos caminhos de investigação sobre os problemas ligados ao trabalho psíquico do viver e à experiência do existir, a psicanálise deve recuperar o seu compromisso com os sofrimentos destrutivos do nosso tempo e recuperar o seu carácter transformador ao serviço da reparação do tecido social. Principalmente, assumindo o desafio do trabalho analítico com subjetividades da América do Sul em risco de desumanização, onde a ‘vivacidade’ da vida psíquica é o que está ameaçado como efeito dos desconfortos históricos superagregados impostos pela realidade histórico-social.

*Referências bibliográficas*

Arendt, H. (1998). *Los orígenes del Totalitarismo*. Taurus.

Berezin, A. (2010). *Sobre la crueldad. La oscuridad en los ojos*. Buenos Aires: Psicolibro.

Berezin, A. (2013). *Desafíos en las Fronteras: Crónicas de Siete Años de Trabajo con Refugiados*. Buenos Aires: Psicolibro.

Bleichmar, S. (1994). “Repetición y temporalidad: una historia bifronte”. Em: S. Bleichmar (comp.), *Temporalidad, Determinación y Azar. Lo reversible y lo irreversible*, pp.45-76. Buenos Aires: Paidós.

\_\_\_\_\_. (2005). *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía.

\_\_\_\_\_. (2009a). *El Desmantelamiento de la Subjetividad - Estallido del Yo*. Buenos Aires: Topía.

\_\_\_\_\_. (2020). *El psicoanálisis en debate. Diálogos con la historia, el lenguaje y la biología*. E. Buenos Aires: Paidós. Versão digital.

Foucault, M. (1986). *Historia de la sexualidad, la voluntad de saber*. México: Siglo XXI.

Freud, S. (1930). *El malestar en la cultura*. En *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

Laplanche, J. (1970). *Vida y Muerte en Psicoanálisis*. Amorrortu Editores.